



Collegium

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário

A palavra colégio, relacionada ao latim collegium, é formada pela preposição cum (com) e pelo verbo leggere (colher). Vale dizer: colher junto. Na acepção original, os integrantes dum colégio se reúnem para colher juntos o que vieram plantar. O colégio eleitoral, por exemplo, colhe o sentimento de cada integrante e apresenta resultado unificado. Toda instituição colegiada é formada por membros com poderes iguais que, após deliberação, dão decisão única, unívoca e uniforme.

Excelente exemplo de colégio eficiente, em função há dois séculos, é a Presidência suíça. A chefia do Executivo não é confiada a um único indivíduo, mas a sete presidentes, todos com o mesmo poder. Reúnem-se a portas fechadas e dão despacho unificado. Jamais alguém saberá quais membros estiveram a favor ou contra cada decisão. Jamais será divulgado se o voto foi unânime ou disputado. Publica-se a decisão do colegiado. Ponto e basta.

Em dezembro de 1942, no dia seguinte ao do ataque desfechado pelo Japão contra a base militar do Havaí, o presidente Franklin D. Roosevelt pronunciou discurso no Congresso americano. Na fala, ele declarou que aquela seria “a date which will live in infamy — uma data marcada pela infâmia”.

A citação me passou pela cabeça outro dia, quando o doutor Marco Aurélio Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), de uma canetada, causou comoção nacional. Naquele dia, em ato solitário, mandou soltar os encarcerados que ainda não tivessem esgotado os recursos processuais — um total estimado em 160 mil indivíduos. Um ucasse desajuizado!

Hoje, passada a exacerbação de sentimentos provocada pelo magistrado, não vale a pena lançar lenha à fogueira. É mais útil especular sobre a origem do mal e farejar o melhor caminho pra corrigir a distorção. Sim, porque distorção há. O STF é, por definição, tribunal colegiado. As normas da colegialidade ensinam que decisões serão sempre tomadas pelo conjunto dos membros, jamais por um só. Deliberações públicas e, pior ainda, transmitidas ao vivo, são incompatíveis com a colegialidade. Propiciam a quebra de coesão e favorecem a eclosão da vaidade.

Ah, a vaidade...! É irmã gêmea do orgulho e mãe de muitos defeitos. Traço ineren-

te ao ser humano, afeta-nos a todos, em maior ou menor grau. Na vida do mortal comum, ataques de vaidade explícita não fazem mais que azedar o entorno do vaidoso. Já quando o soberbo exerce função pública de destaque, é mais grave. Imodéstia descontrolada pode extravasar a banheira do poderoso e alagar o país inteiro. Isso ocorre a cada vez que um magistrado é acometido por chique de prima-dona ferida.

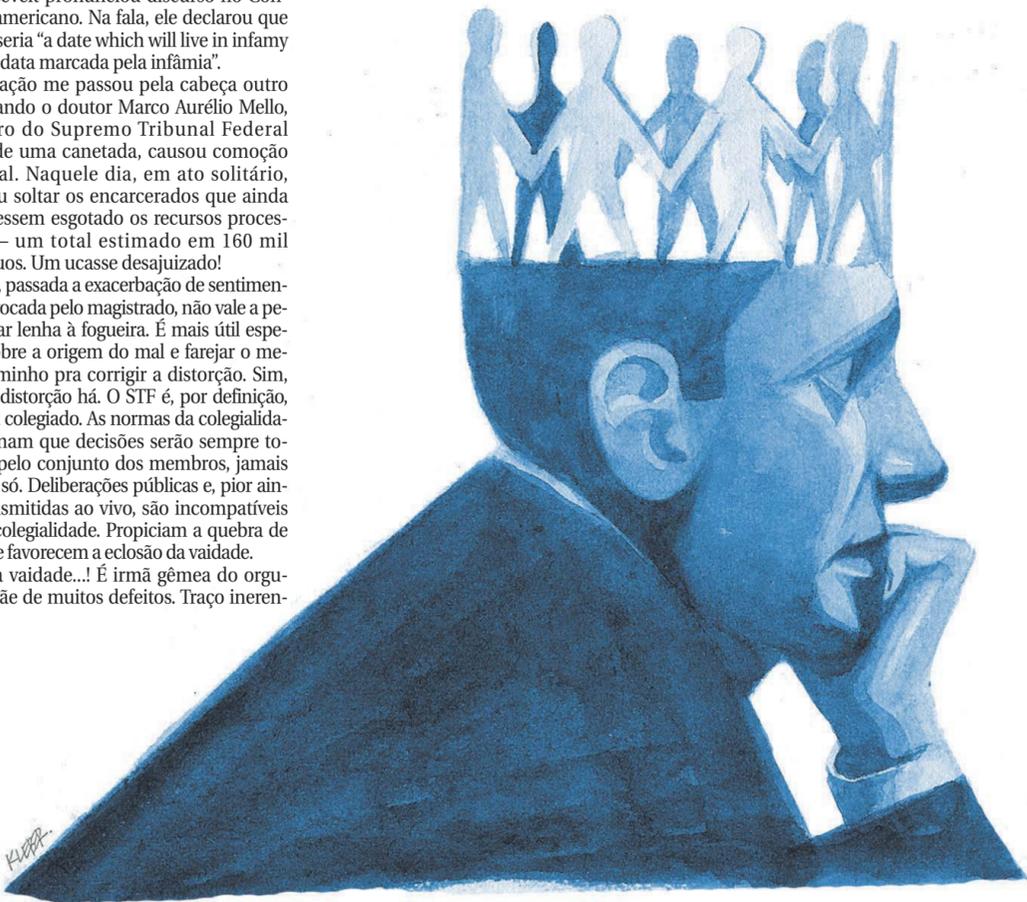
Por que razão esses sentimentos se exacerbam no Judiciário, enquanto se mantêm sob controle nos outros Poderes? A resposta é clara: integrantes do Executivo e do Legislativo são eleitos por mandato limitado no tempo. Se se deixarem levar por paixões em desacordo com o comportamento que deles se espera, correm o risco de ser sancionados na próxima eleição.

Se ministros do Tribunal Maior se permitem a imprudência de atropelar jurisprudência e bom senso, é porque sabem que nada têm a temer. O caráter vitalício do cargo é perfeita blindagem contra retaliações. Sem serem alvos, Suas Excelências permanecem longe do alcance da turba, por mais

enfurecida que esteja. Que se lhes manche a biografia não parece ser a preocupação maior dos magistrados. Outros interesses, à evidência, passam adiante.

Que fazer pra refrear o ímpeto dos togados-mores e pra blindar o país contra sacolejos? O mal se extinguirá no momento em que o cargo de juiz supremo deixar de ser vitalício. Num próximo e bem-vindo reajuste do arcabouço institucional, essa questão deveria ser levantada. É de crer que o será. Como ocorre em outras repúblicas, mandato não vitalício (e renovável) deveria ser outorgado a ministros do STF. Será de quatro, cinco, seis anos — melhor menos que mais.

A designação dos togados tampouco deveria ser atribuição solitária do presidente, ainda que sacramentada por sabatina parlamentar pro forma. Um colégio de grandes eleitores — olhe o conceito aí de novo! — deverá ser criado para o fim específico de escolher novos ministros. Será formado por parlamentares e por personalidades de reconhecida erudição. Vitalicidade e decisões monocráticas caem bem em monarquias, regime que o golpe de 1889 aboliu.



Onde o Brasil encontra emprego e cultura

» ADELMIRO SANTANA
Presidente do Sistema Fecomércio-DF (Fecomércio, Sesc, Senac e Instituto Fecomércio)

Educação profissional propicia a milhares de brasileiros uma profissão digna. A cultura oferece conhecimento, lazer e forma identidades. A saúde promove o bem-estar das famílias. E a assistência social auxilia quem, muitas vezes, não tem sequer o que comer. Aliado ao empreendedorismo, esses são os pilares do chamado Sistema S, um conjunto de instituições da iniciativa privada mantidas pelos setores de comércio, serviços, indústria, turismo, agricultura e transportes, que tem como missão levar capacitação e qualidade de vida aos trabalhadores do nosso país. Durante muito tempo, mais precisamente desde a década de 40 até hoje, essa foi uma das poucas estruturas sociais do Brasil a se preocupar em oferecer de forma acessível essa gama de serviços à nossa população.

Em cidades onde às vezes não existiam hospitais, bancos ou até mesmo escolas, não era raro encontrar uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) ou do Serviço Social do Comércio (Sesc). Ainda hoje é assim. São locais onde o trabalhador pode fazer um curso, ir ao clube, assistir a um espetáculo teatral ou fazer um exame de mamografia e se consultar com um médico. Grande parte disso, de forma gratuita. Ao longo dos anos, esse sistema se transformou em uma verdadeira referência para milhares de pessoas, principalmente brasileiros de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social. Suas siglas são amplamente conhecidas e atendem pelos nomes de Sesc, Senac, Sesi, Senai, Sest, Senat, SESCOOP, Senar e Sebrae. Todas referências em auxiliar os brasileiros.

Nacionalmente, apenas Sesc e Senac atendem 2,2 mil municípios. O Senac mantém uma infraestrutura de ponta composta por mais de 600 unidades escolares, empresas pedagógicas e unidades móveis. O Sesc possui mais de 19 mil funcionários divididos em centros de atividades, meios de hospedagem, sedes educacionais, unidades móveis e consultórios, além de oferecer as maiores redes privadas de teatros e de bibliotecas do país. Senac com ensino profissional de qualidade e Sesc levando principalmente cultura, saúde, lazer, educação e assistência. Mas agora, todo esse sistema se encontra ameaçado. Não por uma questão de má gestão ou qualquer tipo de desvio — pelo contrário, somos auditados por órgãos fiscalizadores externos e internos e prestamos contas públicas dos nossos orçamentos —, mas por uma questão de corte de gastos. Se existem distorções, pouca transparência, que se estabeleçam normas sobre isso, não uma medida radical.

O futuro ministro da Economia, Paulo Guedes, anuncia que é “preciso enfiar a faca no Sistema S”, mas, antes disso, é preciso questionar a quem interessa desmontar uma das poucas estruturas sociais do país que realmente funciona. Ninguém é contra o engajamento da máquina administrativa e da redução da carga tributária. Nós, que, como empresários, mantemos o Sistema S com recursos provenientes de nossas empresas, sempre fomos os primeiros a reivindicar a redução dos impostos e a desburocratização do Estado. Porém, degolar esse Sistema não significa economizar. Desmantelar uma estrutura que funciona com recursos provenientes

da iniciativa privada, mesmo que compulsórios, é interferir no trabalho de quem age corretamente, sem fazer o que realmente precisa ser feito: que é cortar na própria carne.

Se o governo fizer o que promete, um terço ou metade das ações do Sistema S realizadas hoje vai acabar. Milhares de escolas e unidades serão fechadas, funcionários serão demitidos e cidadãos desamparados não terão mais a quem recorrer. Para se ter uma ideia desses números, só no Distrito Federal o Sesc realizou mais de 111 mil consultas médicas em 2018 e quase 113 mil consultas odontológicas. O Senac, por sua vez, completou 51 anos de atuação no DF, tendo alcançado mais de 1,1 milhão de alunos matriculados desde a sua inauguração. Em 2018, a instituição registrou mais de 15 mil matrículas nos mais de 240 cursos profissionalizantes oferecidos. Já o programa Mesa Brasil do Sesc, só no primeiro semestre de 2018, distribuiu nacionalmente 22.493.834 quilos de alimentos.

Porém, com o corte que o governo anuncia, não será possível manter nenhum desses números. Ainda pior, a vida das pessoas que dependem desse sistema mudará radicalmente. Não estamos falando de centenas, mas de milhares de jovens e adultos que perderão a única oportunidade que possuem, seja de conquistar um emprego, seja de fazer um tratamento de saúde. Estamos falando de pessoas que deixarão de comer. Não será um corte na própria carne, será uma degola. Seguiremos pedindo que o governo reveja urgentemente esses planos, para o bem do Brasil.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A opção pela primeira infância

Uma observação nos 22 ministérios que darão assessoria ao presidente eleito, Jair Bolsonaro, mostra que, nessa relação, pelo menos por enquanto, não existe uma pasta com status para cuidar do problema mais fundamental ao país, um possível ministério da primeira infância. Não que a constituição de uma pasta com essa missão específica vá, por si só, resolver, como um passe de mágica, essa que é a mais urgente e delicada questão do Brasil atual.

Nos países desenvolvidos, onde a educação é prioridade máxima, acima de qualquer outro assunto, há tempos seus governos despertaram para a importância de a máquina do Estado dedicar todos os esforços e atenções para os jovens cidadãos, sobretudo na fase da primeira infância. É nesse período curto da vida humana que as janelas de oportunidade estão escancaradas para a apreensão do mundo.

O assunto não tem nada de romântico ou idealista. Renomados estudiosos não só da área da educação, mas de diversos ramos da ciência em todo o mundo, vêm dedicando suas pesquisas sobre a importância e os efeitos de se investir pesado na aprendizagem durante a primeira infância. Esse é o caso de James Heckman, professor da Universidade de Chicago e Prêmio Nobel de Economia no ano 2000.

Para esse pesquisador, criador de métodos científicos que avaliam a eficácia de programas sociais, principalmente voltados para a primeira infância, é na fase de até seis anos, período em que o cérebro se desenvolve de forma rápida, que há um enorme poder de absorção e de aprendizado da vida. É nesse período particular que estão concentradas, segundo Heckman, todas as possibilidades de captação do conhecimento e das emoções, que prepararão o terreno futuro e farão toda a diferença para o resto da vida de um indivíduo. É nessa fase que estão reunidas as grandes chances de sucesso de uma pessoa.

»» A frase que não foi pronunciada

“A vida é um eco! Se você não está gostando do que está recebendo, observe o que está emitindo...”

Fernanda Braga, no Pensador

Só ele

» Desastre quase total em uma visita na Boulangerie da 306 Sul. A atendente não presta atenção ao pedido, fazendo com que o preparem errado e levem à mesa o que não era o desejado. Mais espera para a correção. Quando chove, a parte de trás, o puxadinho em área imprópria, exala um cheiro insuportável de esgoto misturado com chorume. Na hora da conta, mais surpresas. Todos os itens não foram consumidos. Conta da mesa errada. O padeiro está de parabéns.

Aeronáutica, o major-brigadeiro do Ar, Ricardo Cesar Mangrich. Drones também serão abatidos. Além disso, movimento de barcos no lago também será restringido pela Marinha durante a posse.

Terrível

» Dificuldades para troca dos presentes. Na Sapato da Corte, por exemplo, mesmo tendo diversas lojas na cidade, se houver diferença do preço no produto, não devolvem o dinheiro, nem trabalham com crédito. O comércio não tem o menor interesse em ver o cliente satisfeito com a troca. Dificulta de todas as maneiras possíveis, sempre deixando parecer que qualquer solução deve ser absorvida pelo cliente como um grande favor. A experiência nos foi passada por uma leitora.

No limite

» É preciso uma vitória séria nos comércios da cidade. Pessoas com dificuldades de mobilidade estão privadas de andar pelo Distrito Federal por causa das calçadas em diversos níveis, buracos no meio do caminho, postes mal localizados, marquises em franco perigo.

Lembrete

» Já é possível deduzir do Imposto de Renda gastos com cuidadores, casas de repouso, aparelhos auditivos, remédios, óculos e próteses auditivas.

Céu, terra e lago

» Esta será a primeira vez no Brasil em que a posse do presidente terá vigilância constante por terra, lago e ar. A FAB está autorizada a abater aviões depois que a inteligência apontou alguns movimentos suspeitos, ainda não descritos pelo Comandante de Operações Aeroespaciais da

Viagem

» Em fevereiro de 2019, a nova Constituição cubana será referendada mantendo o desejo registrado na opinião unânime dos deputados, na sessão ordinária da IX Assembleia Nacional do Poder Popular, pela continuidade do socialismo. Socialistas brasileiros serão bem-vindos por lá.

Urbanidade

» Condomínios prediais têm enfrentado problemas com moradores que não respeitam as vagas dos vizinhos demarcadas na garagem. Há cláusulas previstas nos contratos condominiais prevendo punição para esse tipo de comportamento.

»» História de Brasília

O sr. Sete Câmara, sétimo prefeito de Brasília (inclusive os interinos), tomou posse ontem, dia sete, trazendo grandes esperanças para a cidade. (Publicado em 08.11.1961)